

Pintura fora de si (ou algumas soluções de habitação)

Este é um texto que existe como resultado da existência da pintura. Esta vem primeiro e pode existir sem a palavra, embora não sem o pensamento. Se escrevermos sobre o que vemos, a palavra será clara, reta, deixando um registo imutável e constante, mesmo que o ponto de partida original se mantenha em estado de trânsito, em consecutiva mudança e cedência às ações externas que nela se projetam. Mas se não escrevermos sobre o que vemos, talvez se ofereça a possibilidade de alargar os sentidos e de a obra ser, ela mesma, enriquecida, alargada e impregnada por estes. Aqui, a obra torna-se volumétrica e densa pela adição, sobreposição e contaminação de sentidos. Entre o escrever e o não escrever, nunca se questiona o pensar ou o não pensar. A pintura pensa-se a si mesma enquanto se faz. É através do fazer, da vivência do atelier, da ocupação física, efetiva e afetiva desse espaço e do confronto urgente e insistente com a pintura que produz o objeto, um processo que resulta de um ciclo de pensamento, ação, experimentação e subsequente transformação. Depois disso, a escrita pode ter a capacidade ativa de potenciar e relançar a pintura, talvez colocá-la num outro lugar.

Pensei em não escrever nada sobre esta exposição, mas escrever sobre a minha pintura é uma exigência que a própria pintura reivindica para si, querendo ver-se como que entendida e arrumada por momentos. Escrevo, quase sempre, depois de a pintura estar terminada. Mas esta é, muitas vezes, autorreferencial e afogada no seu próprio ser, sendo pouco mais do que ela própria, não precisando dessas palavras para sobreviver. Deste modo, as palavras podem vir contaminá-la ou acrescentar coisas que a pintura não tinha pedido para si. Ainda assim, escrevo como tentativa de a prolongar e de dar a ver os meus sentidos para a obra.

Pintura fora de si (ou algumas soluções de habitação) é uma exposição que pretende pensar ou falar um pouco mais sobre a identidade da pintura. A pintura está e estará sempre em questão e lida continuamente com a sua quase impossibilidade. Desde que a pintura morreu, renasceu em todos os momentos seguintes, sob vários modos de existir, renovando as suas possibilidades. Neste momento, é uma missão absolutamente inútil guardar os modos de produção dos objetos artísticos em gavetas estanques e de ângulos retos, duros e impossíveis de dobrar. Um objeto pode ser pintura, escultura, desenho e instalação em simultâneo, talvez sem ser nenhum deles, podendo ainda apropriar-se de especificidades de áreas como a arquitetura, modos de dizer que gostava que fossem seus. Em todos os casos, a pintura sobrevive e o seu questionamento resulta na contínua valorização daquilo que ela é e sempre foi.

Nesta exposição, todos os trabalhos arrumam em si mesmos as especificidades da pintura, ou são contaminados por um *ser pintura*, independentemente dos caminhos que tomam para dar forma a uma ideia. Entre os volumes de pintura que se afastam timidamente da parede, as peças tridimensionais que também não arriscam sair da parede e um único volume tridimensional que ganhou coragem e saltou para o chão, estamos sempre, primordialmente, mediante pintura. Claro que a pintura chama, para si, coisas que gosta de ver na escultura ou na arquitetura, como se por momentos as invejasse, embora logo de seguida se lembre que estar fora de si é um estado de enorme ansiedade e desconstrução identitária, que mais vale regressar a si mesma e

comportar-se com honestidade. Aí, a pintura fica consciente de si, voltada para os seus próprios meios, processos e questões. Pode parecer não estar bem onde está, pode viajar e procurar pontos de fuga inesperados, mas regressa sempre a si mesma.

A derivação tridimensional da pintura concretiza-se, assim, na escolha dos suportes, na sua expansão, na articulação de uma linguagem arquitectónica apropriada para o espaço pictórico com uma sugestão de bairros habitacionais quase experimentáveis e com a ideia de casa. Podemos escolher uma obra e usá-la como contexto vivencial alternativo, aceitando as sugestões de habitação.

Há, ainda, os desenhos, que como forma de pensar o espaço, a paisagem e a arquitetura, e de transmitir essa reflexão para o ato de riscar, são também pintura. Talvez possamos pensar que a cor assume um papel fulcral nessa ação de impregnar qualquer trabalho com um carácter pictórico, pelo seu potencial transformador no modo de desenhar e estruturar o espaço. A cor é sempre o elemento visual e expressivo primordial que compõe o meu trabalho, orienta a sua gestão e construção, transforma significativamente o espaço, a paisagem e a gramática da arquitetura. É assumida como experiência e unidade autónoma e, à sobreposição de camadas de cor e tinta sucede-se um olhar que decanta e tateia, um olhar que experimenta e procura saber. A cor oferece campos ambíguos de percepção, engana enquanto diz.

Parece-me, no entanto, que nesta exposição ameaço começar a esvaziar-me de cores, prevalecendo, por vezes, o branco. Não consigo pintar sem a tinta branca e raramente me desfaço da opacidade. Já a cor branca, assumida e mostrada na pintura, muito provavelmente estará lá para nos mentir e fazer ver o que não é. Se calhar, se houver algo que seja mais claro do que o branco, será a palavra. Eu posso escrever sobre o branco e isso será mais claro que a própria cor, que nunca é o que parece, que reflete a ação e conectividade das outras cores e, no fundo, todo o seu entorno e envolvência.

Nesta exposição, a pintura mostra-se nos campos da intertextualidade, contaminação de linguagens, intuição, erro e experimentação presentes nos mecanismos de criação associados à prática da pintura e a um processo criativo que privilegia as relações cromáticas e a inquietude e êxtase a elas associados. Talvez se mostre, ainda, na beleza e no prazer de olhar, que podem e devem ser contemplados na experiência estética, na nossa relação com a pintura, embora sejam questões menos faladas. Em conversas e escrita sobre pintura, talvez haja a necessidade de repensar e falar sobre esse papel de provocar emoção, assumindo o prazer experimentalista e formalista da pintura. Abandonar conceitos, processos, dispositivos, tecnologia, posicionamentos. Falar de beleza. A pintura, como objeto com a capacidade de falar e explicitar o pensamento, tem também a capacidade de seduzir. Mas, aqui, posso ser eu a estar fora de mim.

Ana Pais Oliveira
abril de 2015